

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA
Modalidade a Distância

CHAIINE MELLO

**A importância da família na formação escolar
das crianças nos Anos Iniciais do Ensino
Fundamental**

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA
Modalidade a Distância

CHAINED MELLO

**A importância da família na formação escolar das crianças
nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Aline Lemos da Cunha
Tutora: Prof^ª. Simone Gomes

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

ESPAÇO PARA A FICHA CATALOGRÁFICA

À minha mãe:

Amiga, que sempre acreditou em mim e esteve ao meu lado, me apoiando e dando forças para realizar meus sonhos.

Ao meu amado:

Que surgiu em minha vida, como o sol, depois de uma tempestade, e ilumina todos os dias o meu viver.

Agradeço a Deus, a minha mãe, aos meus familiares, amigos, ao meu cachorro e ao Leandro, que sempre estiveram ao meu lado.

*Quase sempre minorias criativas e
dedicadas tornam o mundo melhor.
Martin Luther King*

Resumo

Muitos estudos tem se referido à aproximação entre os pais ou responsáveis e a escola. Na prática, ambos estão cada dia mais distantes. Tentar entender as causas desta atração ou repulsão não é tarefa fácil. O texto procura refletir sobre esta relação e quais as suas conseqüências para os estudantes, pais e professores. O ponto de partida é o relato de experiência de meu estágio, em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental, onde a relação entre os alunos viu-se modificada com a participação de uma mãe em sala de aula. O trabalho foi desenvolvido em uma escola de ensino fundamental na periferia de Alvorada. De maneira geral podemos dizer que o nível sócio-econômico dos alunos e moradores dos arredores é baixo. Apesar das particularidades de minha escola durante minha pesquisa percebi que os mesmos problemas enfrentados por mim foram relatados pelos pesquisadores Bernad Charlot, Lea Pinheiro Paixão e Daniel Thin, cujas realidades retratadas em suas escolas são, em grande parte, diferentes da escola em que realizei o meu estágio, porém apesar das diferenças encontradas entre os alunos e suas escolas todos tem em comum a dificuldade de aproximação entre pais e a escola. Ao mesmo tempo em que esta aproximação é desejada, encontra entraves para que ela se realize. A escola procura cada vez mais trazer a si a responsabilidade pela educação dos alunos, os pais por sua vez assumem o seu despreparo na matéria de educação e limitam-se a apenas cobrar resultados. O que todos percebemos e a crescente falta de limites impostos aos nossos estudantes. A minha pesquisa aponta para os benefícios da aproximação entre pais e educadores e a necessidade de se transpor os "muros da escola". Problemas como o bullying e as drogas são um reflexo do descontrole de pais e educadores em suas tarefas de fornecer uma educação plena, com a construção de regras onde fiquem claros os seus direitos e deveres como filhos e alunos, desenvolvendo suas autonomias e cidadanias. Minha pesquisa procura definir o que seria uma "educação ideal" e em que ambiente ela se desenvolveria, mas ao mesmo tempo aponta as dificuldades encontradas por pais e educadores que os distanciam desde ideal. A bibliografia consultada trata em grande parte das relações entre família e escola e dos benefícios que ambas partes ganham ao juntarem forças para educar nossas crianças.

Palavras chave: Bullying, Educação, Relação escola-família.

|

Sumário

1. INTRODUÇÃO: QUEM SOU EU?	10
1.1. A ESCOLA E OS ALUNOS:.....	10
1.2. O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO: UMA TÁBUA DE SALVAÇÃO	14
3. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
ANEXOS	44

1. Introdução: Quem sou eu?

Concluí o curso de magistério no ano de 1998, no Instituto de Educação São Francisco. Trabalhei em algumas escolas infantis, por um curto período de tempo e estagiei na STCAS (Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social), no setor administrativo.

Em 2000 prestei concurso público estadual para professora de séries iniciais, e em março de 2001 fui nomeada para trabalhar 20 horas no município de Alvorada. Logo em seguida ampliei minha carga horária com uma convocação. Já trabalhei em duas escolas estaduais, a primeira foi a E.E.E.F. Stella Maris, de março de 2001 até maio de 2004. Desde então trabalho na E.E.E.F. Pres. João Belchior Marques Goulart. Prestei vestibular no ano de 2006 na UFRGS e em agosto do mesmo ano comecei minha trajetória no PEaD.

1.1. A escola e os alunos:

A escola onde foi realizado o estágio, fica no município de Alvorada, é uma escola da Rede Estadual. A escola atende os três turnos. O turno da noite na modalidade EJA. A mesma possui um quadro discente de 1.239 alunos e um quadro docente de 30 professores.

O presente trabalho abrange meus relatos e experiências acerca de meu estágio, realizado durante o primeiro semestre de 2010, servindo de base para o trabalho de conclusão do curso de Pedagogia. A turma em que foi realizado o estágio possuía 29 alunos.

Esta turma apresenta onze alunos repentes, em diferentes anos e séries. Alguns deles reprovaram na 2ª série e quando houve a troca da nomeação para ano, "passaram", então, para o 3º ano, havendo apenas a mudança de denominação.

Dos alunos repetentes, apenas dois estão fazendo pela primeira vez esta etapa. Como alguns alunos são novos na escola e não tem histórico escolar, ficou difícil detectar em que série/ano reprovaram, além disso, muitos deles nem lembram.

De modo geral, podemos dizer que o nível sócio-econômico da turma é baixo. A própria localização da escola reflete o seu público alvo. Não tendo como mensurar esses dados, optei por verificar, através de uma entrevista, alguns dos bens de consumo que as famílias possuíam, para ter uma noção de sua situação econômica. Achei que seria constrangedor perguntar pela a renda familiar. Então, pensei em perguntar sobre a quantidade de aparelhos de televisão que possuíam, se possuíam ou não carro, se tinham computador, pois esses dados poderiam revelar um pouco mais sobre o padrão de vida deles. (Anexo 1). De modo geral, pelas roupas, pelos acessórios e a simples observação e conversa com os alunos é possível “rotular” suas condições sócio-econômicas, mas a precisão não somente é desnecessária, como invasiva. Para efeitos de levantamento considereirei o método empregado como satisfatório. Conhecer um pouco mais sobre a situação de meus alunos ajudou-me a pensar em algumas estratégias para viabilizar as nossas saídas e visitas fora da escola, mas em nenhum momento foram agravantes ou facilitadores para o planejamento geral de meu estágio. Creio que não seja a situação econômica que influencie no desempenho do aluno e sim a sua dedicação e acompanhamento dos familiares.

A maior parte da turma vive com o pai, a mãe e um ou mais irmãos. Apenas um aluno é filho único. Mas também existiam outras formas de organização familiar entre os alunos. Uns moravam com mãe, padrasto e irmãos; outros apenas com a mãe e irmãos; mãe, vó e irmãos; pai e avós, enfim, havia uma variedade de situações.

Ao pensar em meu trabalho de conclusão de curso, pretendia trabalhar com a questão da identidade de meus alunos. Como se formam as identidades e como podemos valorizar as individualidades, a autonomia e a autoconfiança deles? Com as mudanças de percurso, que foram necessárias, precisei especificar melhor minha temática e voltar-me principalmente para o que foi realizado e observado durante o meu estágio. Era preciso, então, trazer minha sala de aula para a construção de um texto acadêmico. Nos primeiros momentos, realizei na escola o que aprendi na faculdade e agora retorno à Academia para registrar essas descobertas e vivências.

Um dos fatos que mais chamou a atenção em meu estágio foi a participação de uma mãe em uma das aulas. Todas as famílias foram convidadas a irem até a escola ensinar uma receita culinária aos alunos da turma, mas somente uma mãe prontificou-se a ir. A mesma foi ensinar aos alunos como fazer “doguinho assado”. Todos gostaram muito, pois além de aprender, também puderam degustar a sua criação. A aula, por si só, já teria sido bastante proveitosa, mas um fato relacionado ao acontecimento trouxe outras descobertas bem interessantes.

Até este dia o filho dela era rejeitado por um de seus colegas, que o chamava de “feio”. A partir de então, devido à admiração que surgiu pela mãe deste, passou a respeitar o seu colega. A aproximação efetiva da mãe veio a influenciar positivamente na vida escolar de seu filho.

1.2. O Trabalho de Conclusão de Curso

A proposta do meu trabalho de conclusão passou a construir-se em torno desta relação família-escola e sua importância para a formação dos alunos. Certamente, ao trabalhar com as identidades, vemos como elas se formam, a importância da escola, da família, do meio social e até mesmo dos meios de comunicação. Porém, mudei meu foco para a família e a importância de sua extensão fora do lar. Durante os últimos meses de curso trabalhei muito com a educação “além dos muros da escola”. Inspirada no filme homônimo de Laurent Cantet, salientei a importância de integrar os alunos ao que acontecia ao seu redor. Não só trazer a educação tradicional, priorizando o conteúdo, mas levar meus alunos ao que está sendo feito em nossa comunidade, trabalhando a cidadania, construindo a autonomia e desenvolvendo um senso crítico desde cedo. Como grande parte da educação e formação dos alunos se dá fora da escola, principalmente no convívio com seus familiares, a proposta que apresento é de fazer um intercâmbio, trazendo um pouco deste conhecimento para dentro dos muros da escola.

Vejamos que a queda do muro de Berlim em 1989 foi um marco muito mais cultural do que político. O muro em questão fazia parte do imaginário de ambos os países. Era uma divisão física que separava o mesmo país. O muro era um símbolo que precisava ser destruído para concretizar-se a unificação. Talvez os “muros” da

escola jamais venham a cair. Pais e educadores erguerão outros novos e maiores em seu lugar, mas nem por isso os portões precisam manter-se fechados e cadeados para ir e vir.

A problematização de meu TCC, portanto, dar-se-á em torno desta aproximação família e escola, e como ela é vista por ambos os grupos, partindo da questão:

Se a aproximação família escola é dita como benéfica, por que ou quais aspectos impedem que esta se realize?

2. Referencial Teórico: Uma tábua de salvação

Neste capítulo procurarei dialogar com os principais referenciais teóricos que tive contato, durante minha graduação e ao longo das leituras que fiz para elaborar este trabalho. Ative-me, em especial, a obras que tratam da educação e sua relação com a escola e a família, pois é a partir destas questões que pretendo desenvolver minha argumentação tendo já definidos quais os conceitos e referenciais que utilizarei.

Ao tratar do conceito de formação me identifico com o utilizado por Carvalho (2008)

É claro que todo processo de formação implica alguma aprendizagem, mas com ela não se confunde. A aprendizagem indica simplesmente que alguém veio a saber algo que não sabia: uma informação, um conceito, uma capacidade. Mas não implica que esse 'algo novo' que se aprendeu nos transformou em um novo 'alguém'. E essa é uma característica forte do conceito de formação: uma aprendizagem só é formativa na medida em que opera transformações na constituição daquele que aprende. É como se o conceito de formação indicasse a forma pela qual nossas aprendizagens e experiências nos constituem como um ser singular no mundo.¹

Para mim um “modelo ideal” de educação permitiria ao aluno uma formação integral, não somente com conteúdos fragmentados, mas que lhes permitissem uma formação plena, próxima de suas realidades e do mundo que os cerca. Não uma educação bancária, como bem nos alerta Paulo Freire, mas uma educação que lhes desse liberdade de conhecer e escolher os seus próprios caminhos. O “aprender por aprender” ou “aprender para passar de ano”, faz com que o aluno não tenha interesse no conteúdo e acabe por esquecê-lo para “dar lugar a outro”. No momento em que há o envolvimento do aluno com o que é aprendido este passa a fazer parte de sua formação. Para um aluno, os ganhos obtidos com a observação de um esgoto a céu aberto, talvez se torne muito mais marcante em sua formação do que a mera leitura de textos sobre o meio ambiente. Os textos, a leitura e a observação em sala de aula apenas compõem parte do quadro que o aluno irá formar para assim formar suas identidades. Os conhecimentos adquiridos não irão ficar restritos a sala de aula e farão parte do seu dia a dia e de seus familiares. Em vez de dizermos que

¹ CARVALHO. Revista Educação, ed. 137, 04/9/2008. Disponível em <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12511>>, acesso em 07/11/2010.

a escola é nosso segundo lar, talvez devamos pensar que: o nosso lar é nossa primeira escola.

Para Durkheim (1955, p. 25-56) o modelo de educação ideal passaria pelo envolvimento da sociedade, contextualizando o indivíduo ao seu tempo e ao seu meio. Ele nos diz que: “É uma ilusão acreditar que podemos educar nossos filhos como queremos”. Para o sociólogo, a sociedade influencia na educação de suas crianças, preparando-as conforme o espírito da época:

Se a sociedade tiver chegado a um grau de desenvolvimento em que as antigas divisões, em castas e em classes, não possam mais se manter, ela precisa à uma educação mais igualitária, como básica. Se, ao mesmo tempo, o trabalho se especializar, ela provocará nas crianças, sobre um primeiro fundo de idéias e de sentimentos comuns, mais rica diversidade de aptidões profissionais. Se um grupo social viver em estado permanente de guerra com sociedades vizinhas, ele se esforçará por formar espíritos forte nacionalistas; se a concorrência internacional tomar formas pacíficas, o tipo que procurará realizar será mais geral e mais humano².

O indivíduo por sua vez teria os mesmos interesses que a sua coletividade (Idem, p. 25-56):

Desejando melhorar a sociedade, o indivíduo deseja melhorar a si próprio. Por sua vez, a ação exercida pela sociedade, especialmente através da educação, não tem por objeto, ou por efeito, comprimir o indivíduo, amesquinhá-lo, desnaturá-lo, mas ao contrário engrandecê-lo e torná-lo criatura verdadeira humana. Sem dúvida, o indivíduo não pode engrandecer senão pelo próprio esforço. O poder do esforço constitui, precisamente, uma das características essenciais do homem.

A meu ver o foco de Durkheim está nas relações sociais que envolvem as macro-relações. Por ser um sociólogo sua visão me parece estar mais preocupada com a grande parcela da população e não as suas peculiaridades locais, escola a escola, família a família. Suas observações nos dão a idéia de como “funciona a escola” envolta em um âmbito maior. O universo tratado, neste trabalho, é bem mais restrito, tratando apenas da relação com a escola no singular, minha escola e a família no plural e as famílias dos alunos da turma.

Já na visão de Bernard Charlot (2000, p. 171), temos uma volta ao indivíduo. Este autor preocupa-se em tratar com o aluno, mais perto de meu exemplo, de minha realidade, de minha escola:

² DURKHEIM, p. 25-56. Disponível em <www.ufrgs.br/tramse/pead/textos/durkheim.rtf>, acesso em 07/11/2010

Um aluno não é apenas uma criança de tal família, não é apenas o membro de um grupo sociocultural. Ele é também sujeito, com uma história pessoal e escolar. É um aluno que encontrou na escola tais professores, tais amigos, tais aulas, e que teve surpresas boas e más. É uma criança cujos pais disseram que o que se aprende na escola é muito importante para a vida ou, ao contrário, que não serve para nada. É uma criança que tem irmãos e irmãs ou não, que são bem-sucedidos na escola ou não, e que podem ajudar a criança ou não, etc.

Charlot, (2002, p. 22), em seu artigo “Relação com a escola e o saber nos bairros populares”, nos traz uma reflexão da relação entre a origem social, o êxito ou fracasso escolar. As estatísticas comprovam que famílias que possuem banheiro em casa, tem filhos com melhor rendimento escolar. Charlot, nos mostra que esta relação é muito mais complexa que simples estatísticas. Implicando em causas muito mais abrangentes e que a pesquisa em torno das causas do fracasso ou sucesso devem ser muito mais amplas que a simples coleta de dados. E por sua vez a solução requer ações mais amplas:

Existe uma desigualdade social, mas não se pode interpretar essa desigualdade social frente ao saber e frente à escola atribuindo a causa do fracasso escolar à família. Por exemplo, posso levantar a hipótese de que uma família que tem dinheiro para comprar uma casa, um apartamento com banheiro, tem um determinado nível de orçamento, tem práticas culturais para comprar jornais, livros e assim a criança vai entrar em contato com a escrita muito cedo na sua vida o que irá ajudá-la a ler mais rapidamente. Assim, existe uma relação entre o banheiro, por um lado, e o fato de ela aprender a ler, por outro. Existe uma relação entre a origem social e o fato de ser bem sucedido ou não na escola. Se não existisse nenhuma relação, não existiria uma correlação estatística, mas não é uma relação de causalidade. Para entender o que está acontecendo, se deve descobrir, pesquisar, construir, entender o conjunto de mediações entre o êxito ou o fracasso escolar... Não estou falando contra a existência dessa relação, estou afirmando que, depois de constatar a desigualdade social, é necessário entender como está se construindo e, assim, lutar contra ela.

Esta mesma relação, apresentada por Bernard Charlot, constatei durante meu estágio. Era visível em uma das alunas um desleixo pessoal que refletia o desleixo em relação à sua educação. A mesma falta de cuidados que a família demonstrava em relação a sua higiene pessoal, refletia-se nas suas relações educacionais. A menina não tinha baixo rendimento escolar porque tinha piolhos, mas algumas das causas e conseqüências tinham a mesma relação: “A menina não precisa somente

de uma boa higiene: precisa de carinho, de afeto, de atenção, de alguém que escute seus problemas, precisa ser educada e amada.”³

Em seu texto, Boarine e Martins (2006, p. 202) ressaltam a importância da participação da família no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, lembrando que durante o período entre 2001 e 2002 foi implementado no Brasil o projeto “Dia da Nacional da Família na Escola”, tendo como principal objetivo aproximar a família desta instituição de ensino. Após ampla divulgação nos meios de comunicação, diversas escolas aderiram, preparando-se para receber os familiares. Não sei até que ponto tal projeto chegou a vingar, pois até ler um artigo na Revista Nova Escola, nunca tinha ouvido falar do mesmo. O texto é rico em sua análise, pois apesar de reconhecer a importância desta participação, prevista inclusive na constituição⁴, também faz a ressalva de que apesar do aparente convite a uma participação da família em um processo democrático e do exercício de sua cidadania, tal iniciativa do Governo Federal teria seguido a orientação do Banco Mundial (BANCO MUNDIAL, 1997):

Levar as sociedades a aceitar uma redefinição das responsabilidades do Estado é apenas uma parte da solução. Esta há de incluir uma seleção estratégica das ações coletivas que os Estados procurarão promover, juntamente com maiores esforços para reduzir a carga imposta ao Estado, fazendo com que os cidadãos e as comunidades participem da prestação dos bens coletivos essenciais. (BANCO MUNDIAL, 1997)

Em meu texto publicado no Blogger do dia 08/04/2010, questiono de quem é a responsabilidade sobre nossas crianças. Parece um jogo de “empurra”, onde por todos serem responsáveis, ninguém acaba assumindo a verdadeira educação que deveria ser efetivamente concretizada. Não falo aqui apenas da formação escolar, mas na formação do indivíduo enquanto cidadão. A união de forças, que deveria enriquecer o processo, apenas o fraciona em seguimentos estanques e inúteis. A família falha, o Estado falha, a sociedade falha e o resultado é o que vemos em sala de aula.

³ In RODRIGUES, Chaine Mello. Catando piolhos. <<http://chainemelloestagio.pbworks.com/Catando-piolhos>>, acesso em 27/11/2010.

⁴ Conforme a Constituição Federal: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1989, p. 38)

A idéia do “Dia Nacional da Família na Escola”, independentemente de sua origem, parece boa. Neste ano, durante meu estágio, resolvi implementar essa idéia. Por estar trabalhando com as identidades de meus alunos, procurei trabalhar um pouco mais com a questão de suas origens e de suas famílias. O “Dia da Família na Escola” veio bem ao encontro do tema que estava sendo trabalhado. O retorno que obtive foi tão surpreendente que pretendo trabalhar todos os anos letivos com essa proposta. Conforme registrei no meu blogger em 02/05/2010:

Há duas semanas realizamos o Dia da Família na Escola. Os pais foram convidados a uma atividade onde foi possível conhecê-los um pouco mais. Alguns pais estão mais presentes no dia-a-dia da escola, fazem perguntas, trocam idéias, acompanham seus filhos quer sejam chamados ou não. Este momento serviu para aproximar um pouco mais aqueles que nem sempre tem tempo ou não tiveram oportunidade de conhecer as professoras de seus alunos. Sábado à tarde, um dia bem produtivo e agradável, creio que para ambas as partes. A família de meus alunos pode conhecer um pouco mais sobre a escola de seus filhos e nós um pouco mais a eles⁵.

Essas vivências também foram registradas em meu relatório de estágio, onde destaco a importância desse acontecimento. Ao final da atividade, os pais responderam um questionário de avaliação do encontro (anexo 2). Todos responderam que a atividade foi muito prazerosa e proveitosa e ainda destacaram a necessidade de que outros encontros como esse acontecessem. Encontros esses onde os pais são convidados a conhecerem mais a professora, a escola. Normalmente os pais, quase que invariavelmente a mãe, só comparecem à escola para fazer reclamações ou ouvir queixas de seus filhos. O ir à escola significa “resolver um problema”. Geralmente não há o espaço para contribuições ou simplesmente verificar quais as condições em que estão sendo educados seus filhos. O ambiente da escola, na maioria das vezes, trata-se de um objeto estranho aos familiares. A ligação entre o universo familiar e o escolar, somente se dá na conversa entre pais e filhos, conversa esta, muitas vezes, inexistente. Conforme Boarine e Martins (2006, p.202) ao citarem o estudo da CENPEC (1999, p. 15)⁶—“a participação de mães, pais e outros familiares é muito importante num projeto de

⁵ Disponível em <<http://chaimell.blogspot.com/2010/05/familia-alunos-e-escola.html>>, acesso em 07/11/2010.

⁶ Conforme minhas pesquisas sobre a referência, as autoras estariam citando o CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA **Amigos da escola**. São Paulo: CENPEC, 1999.

abertura da escola. Quando eles participam, o desempenho escolar dos filhos e filhas melhora visivelmente.”

Segundo Içami Tiba (apud GONZATTO, 2004, p. 40) teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo e a escola, por sua informação. E para Gonzatto (2004, p. 40), a família é a fonte primordial na construção de valores da criança. A ela caberia a tarefa de introduzir as primeiras noções de valores e a escola apenas os aprimoraria. Não sendo ela apenas responsável por zelar pela educação que está sendo dada aos seus filhos, mas a primeira fonte. Boarine e Martins (2006, p. 218-219), consideram que a família deve auxiliar o Estado na educação de seus filhos e não o contrário. As autoras destacam uma passagem da Constituição Brasileira, onde diz que a educação é dever do Estado e da família, devendo ser incentivada pela sociedade, lembrando que há muito a educação é legada ao Estado, tendo a família lhe passado esta responsabilidade.

“Dia Nacional da Família na Escola” sugerido pelo MEC, parte introdutória deste texto, vamos ter reeditado o convite à família para auxiliar o Estado educador”. Desta vez, não mais por uma questão de formação moral, como se manifestavam os Pioneiros da Escola Nova, ou por uma questão de consciência de preservação da saúde, como queriam os higienistas. Desta vez, propõe-se a parceria da família como condição para o sucesso ou o fracasso do desempenho escolar dos seus filhos. Função que outrora lhe foi negada, pois a família não estava qualificada para “dar conta de uma incumbência de tal envergadura” (CUNHA, 1997). Enfim, o tempo transcorrido indica que as dificuldades geradas na forma de organização social que adentram e se desdobram no interior da escola não são sanadas apenas com a qualificação ou desqualificação da família para participar do processo ensino-aprendizagem de seus filhos ou pelo desejo particular do educador.

Gonzatto (2004, p. 40), nos lembra que a escola é constituída por alunos oriundos de famílias diferentes e que essas diferenças devem ser respeitadas:

É necessário que a escola respeite os valores que cada criança traz de sua casa e que nunca entre em atrito com os pais, pois a liberdade que cada indivíduo tem de escolher deve ser aceita, é claro, dentro dos limites. Esse é o valor de aceitar o outro na sua singularidade.

Ao rever as estatísticas levantadas, vemos que quase todos os estudantes possuem traços em comum, a grande maioria é cristã, tem baixa renda e moram nos arredores da escola. Lembro das grandes diferenças encontradas a exemplo do filme “Além dos muros da Escola”, exemplo muito parecido com o apresentado por

Bernard Charlot. Em seus exemplos sobre as escolas francesas, vemos uma grande diferença nas origens familiares dos alunos e em especial, no filme, o próprio professor reconheceu as dificuldades de respeitar e aceitar as diferenças de seus alunos.

Retornando ao meu universo de análise, é claro que também existem as diferenças, talvez não tão gritantes, mas nem por isso devem deixar de ser respeitadas. A partir da teoria construtivista, compreendemos que podemos aproveitar justamente essas peculiaridades formativas de cada indivíduo, para promover aprendizagens.

Ao lermos o texto de Lea Pinheiro Paixão (2008)⁷, veremos outra realidade, envolvendo alunos pertencentes a uma comunidade do Rio de Janeiro. Embora brasileiros, o seu universo é diferente do encontrado em minha escola, localizada em Alvorada. Interessante destacar que em sua pesquisa, a principal preocupação dos pais está em saber como a escola realiza a guarda de suas crianças. A escola, para eles, deve zelar pela segurança e vigilância de seus alunos, devendo responsabilizar-se por eles durante o horário escolar. Devido à proximidade com as favelas, sendo muitos alunos oriundos delas, os entrevistados demonstram uma clara preocupação sobre como ficarão seus filhos durante sua ausência. Muitos deles acreditam que o papel da escola seja apenas educar e cuidar dos seus filhos, como se esta fosse sua responsabilidade exclusiva. Fica clara a contraposição entre as famílias que se preocupam com a educação e socialização de seus filhos e aquelas que passam a inteira responsabilidade da educação à escola. Este exemplo, parece-me bem longe do que vivencio, porque na pesquisa realizada a escola é representada como um todo, incluindo os alunos do Ensino Fundamental e os alunos do Ensino Médio. No meu caso, a escola tem apenas o Ensino Fundamental e as dimensões são bem menores. A comunidade ao seu entorno é bem mais tranqüila, não havendo alto índice de criminalidade. Mais especificamente com minhas turmas, não há discrepâncias quanto à índole e a sociabilidade dos alunos. Não vejo aqui a mesma preocupação apresentada por alguns pais, quanto ao que seus filhos estariam aprendendo na escola, principalmente em contato com outras crianças que poderiam estar envolvidas com a marginalidade. Para contrapor

⁷ PAIXÃO, Lea Pinheiro. **Expectativas de socialização na escola entre mães de camadas populares do Rio de Janeiro/Brasil**, In: VI Congresso Português de Sociologia. 25 a 28 de junho de 2008, Lisboa. Disponível em <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/279.pdf>, acesso em 07/11/2010

a esta “má influência”, os pais estariam tentando socializar os seus filhos verificando o que foi aprendido na escola e tentando lhes ensinar como devem agir de maneira “educada”.

Paixão (2008, p.3), ao reproduzir o pensamento de alguns professores nos diz:

A escola contemporânea vive momentos de tensão, no que se refere às suas funções. Professoras/es declaram enfaticamente: “Os pais e/ou mães esperam que realizemos um trabalho que é deles. Nós não temos obrigação de ‘educar’; nossa função, como professor/a, é ensinar” Para as/os professoras/es, as funções da escola se ampliaram, dificultando o trabalho delas/es. Alegam que para se ocupar do que deve ser o núcleo das responsabilidades da escola – ensinar – precisam promover a aquisição, pelas crianças, de comportamentos que consideram pré-requisitos necessários ao trabalho que constitui sua tarefa como professoras/es. Referem-se ao processo de socialização das crianças que recebem como ‘inadequado’.

Por ser professora de séries iniciais parece-me inerente ao ato de ensinar, trabalhar com enfoque nas atitudes de meus alunos. Muitos deles, saindo da fase egocêntrica, precisam aprender que não são o centro das atenções, tendo que respeitar os colegas, seguir regras, ter horários e comportamentos adequados. Enfim, socializar faz parte do aprendizado destes alunos. Porém, compreendo a preocupação que deve ter um professor do Ensino Médio, por exemplo, tendo que interromper a aula para pedir silêncio a um aluno que já deveria ter aprendido tais comportamentos. Mas não é por trabalhar estas questões em sala de aula que julgo que a responsabilidade seja inteiramente dos professores, ou exclusivamente dos pais. É tarefa e responsabilidade de todos, inclusive do próprio aluno. O que fica bem ilustrado nas palavras de Freire (1981, p. 79):

Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

As psicólogas Fátima Maria Leite Cruz e Maria de Fátima de Souza Santos (2008, p. 444) em seu artigo “A relação família-escola: fronteiras e possibilidades” trazem o discurso dos professores para depois fazer um contraponto mostrando a visão por parte da família:

Especialmente no âmbito da educação escolar, os pais tornaram-se protagonistas de um repertório que se transformou em um “jargão pedagógico”, quando os professores explicam a crise educacional: “a família é distante da escola e da vida escolar de seus filhos”, “a família “não impõe

limites aos filhos”, “os pais são ausentes e não participam do acompanhamento das aprendizagens”, “os pais não ligam os filhos e jogam a responsabilidade educativa para a escola e para os professores”.

Os argumentos que ambas apresentam são bem interessantes e nos fazem refletir sobre o papel da escola e da família perante a educação. No livro “Adolescência, família e drogas: a função paterna e a questão dos limites” de Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, o autor retrata que a ausência de limites é um dos grandes facilitadores para o ingresso no mundo das drogas (FREITAS, 2002, p.18). Sendo assim, é possível pensar na relevância dos limites para a vida de crianças e adolescentes, porém, sem um destaque à culpabilização dos pais e ou responsáveis.

Mas quando a família não cumpre o papel esperado, o que poderá a escola fazer? A orientação pedagógica, quando bem preparada, pode auxiliar na resolução destes conflitos. Algumas vezes, basta chamar o aluno e os pais para uma conversa, em outras é necessário a intervenção do conselho tutelar. Infelizmente nem sempre os órgãos competentes conseguem dar o retorno ideal. Como professora, nem sempre me sinto preparada para intervir em alguns casos. Em raras situações em que percebi que o problema não poderia ser resolvido na relação professor/aluno e professor/família, procurei ajuda junto à orientação pedagógica da minha escola. O ideal seria que esses profissionais formassem uma equipe junto com psicólogos e assistentes sociais e outros profissionais da saúde, que pudessem dar o apoio necessário para suprir a família em suas demandas. Porém, sabemos das inúmeras dificuldades pelas quais passam os nossos sistemas de saúde e educação, e que há uma quase total separação entre os diferentes órgãos, não possibilitando uma saúde ou educação integral.

É bastante difundida a ideia da omissão dos pais em relação à educação de seus filhos. De fato, em certo ponto, concordo com tal pensamento. Por sua vez, as autoras Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira e Adriana Wagner (2009)⁸, fazem um contraponto, alertando para o fato de que tal discurso foi construído ao longo do tempo, visando ampliar a relação de poder da escola sobre as questões de educação

⁸ Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n2/v13n2a11.pdf>, acesso em 07/11/2010.

Durante estes anos, construiu-se a ideia de que a escola é responsável pela educação formal das crianças e adolescentes, enquanto a família o é pela educação informal. Tal ideia parece ser sustentada até hoje por crenças e ideais que mantêm distantes e dissociados os âmbitos das relações e funções de ambos os sistemas (Chechia & Andrade, 2005; Oliveira, 2002; Viana, 2005). Mesmo com tantas mudanças políticas, sociais e relacionais, a escola parece ainda distanciar as famílias e buscar conservar seu domínio sobre o saber através da crença de omissão dos pais (Viana, 2005). (SILVEIRA, WAGNER, 2009, p. 284)

Muitas vezes fazemos parte da ideologia dominante e reproduzimos situações sem nos darmos conta. O autor Daniel Thin (2010)⁹ também nos fala da relação de poder que a escola procura exercer sobre os assuntos relacionados à educação, submetendo as famílias ao seu julgamento e aprovação. Embora, como membro ativo da escola, nunca tenha parado para refletir esta posição dominadora em relação à educação de meus alunos e com seus familiares, sou obrigada a concordar com o autor, ao classificar a minha relação como fazendo parte de um grupo (escola), que procura impor seus conceitos e sua cultura, como sendo a única a ser seguida. Mesmo trabalhando com uma proposta pedagógica na qual procuro valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, aproveitando a contribuição de cada um e enriquecendo o debate em sala de aula, sigo o conteúdo e a orientação pedagógica proposta pela escola que, por sua vez, segue uma orientação que é aplicada praticamente em todas as escolas do país (princípios da LDB e de outras regulamentações).

Em geral, nós professores, somos reprodutores de uma ideologia dominante e nem percebemos. Utilizando o verbete da *Wikipédia* podemos entender que:

Para autores que utilizam o termo sob uma concepção crítica, ideologia pode ser considerado um instrumento de dominação que age por meio de convencimento (persuasão ou dissuasão, mas não por meio da força física) de forma prescritiva, alienando a consciência humana. Para alguns, como Karl Marx, a ideologia age mascarando a realidade. Os pensadores adeptos da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt consideram a ideologia como uma ideia, discurso ou ação que mascara um objeto, mostrando apenas sua aparência e escondendo suas demais qualidades.

Apesar da dura realidade, tirando os véus das ideologias dominantes, gostaria de lembrar o alerta de Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante:

A partir dos pressupostos marxistas, Althusser faz uma reflexão sobre os “aparelhos ideológicos de Estado”, destacando aí a escola como um dos

⁹ Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36nspe/v36nspea06.pdf>>, acesso em 07/11/2010.

aparelhos mais eficazes na veiculação e reprodução da ideologia dominante. (CAVALCANTE, 2007, p. 21)

Com os diversos autores estudados, percebemos a aceitação dos pais quanto à competência e legitimidade dos educadores para tratarem da educação de seus filhos. De maneira geral, os pais preferem não interferir na relação de aprendizagem, deixando inteiramente a cargo dos professores, muitas vezes sem se quer preocupar-se com o que está sendo ensinado.

A dominação escolar sobre as famílias populares tem assim sua eficácia na "crença na legitimidade" das práticas escolares e dos educadores que as executam, sendo que a legitimidade dos educadores está ligada ao seu domínio dos saberes escolares, à sua competência em matéria educativa certificada por sua formação e à autoridade pedagógica que lhe é conferida pela instituição escolar. Assim, a teoria da dominação simbólica e da legitimidade permite pensar em situações em que os pais das famílias populares tentam se curvar às exigências escolares, entregam aos educadores a escolarização de seus filhos, reconhecendo ao mesmo tempo a legitimidade dos agentes e a sua própria incompetência, assim como em situações em que os pais tentam transformar suas práticas, inclusive suas práticas socializadoras não diretamente ligadas à escolaridade, para seguir os conselhos, as incitações ou as injunções dos educadores ou dos trabalhadores sociais. (THIN, 2010, p.68)

Talvez essa visão de que a escola é a “salva-guarda do saber” justifique o “falso” discurso do descaso dos pais para com a educação dos seus filhos. A valorização da escola em matéria de educação e socialização vai contra a valorização da educação e socialização familiar. Este embate é bem perceptível no texto do sociólogo Daniel Thin (2010, p.68), onde as relações de confronto e dissonâncias entre as lógicas socializadoras populares e as lógicas pedagógicas, aparecem. Apesar de até então, não ter tido a percepção de uma relação dominadora entre o discurso da escola em sua relação com os familiares, concordo com a pesquisa de Daniel Thin, pois suas palavras tocaram fundo em minha tomada de consciência.

De fato, a escola como um grupo, tem um papel claro na sociedade e sua relação com as classes populares é muito mais de imposição de seus saberes do que uma troca benéfica para as crianças. Por ser uma relação de dominação, há geração de tensões e divergências que são sentidas por ambas as partes que procuram adaptar, umas às outras, ao seu convívio. Isto, na prática, requer uma adaptação dos pais às exigências escolares e a escola por sua vez, precisa dar o

mínimo de satisfação às exigências dos pais. Neste caminho, os alunos são obrigados a conviver entre esses dois mundos o que, muitas vezes, os leva à rebeldia ou à alienação nas práticas escolares.

A escola se impõe às famílias populares e estas não são completamente ignorantes das normas educativas ligadas ao modo escolar de socialização, de sua legitimidade e, portanto, da ilegitimidade de suas práticas, como revelam suas tentativas raramente coroadas de sucesso, para se conformar com as expectativas da escola e dos educadores. Essa situação, assim como a tensão entre suas próprias práticas e as práticas legítimas na escola e para a escola, a percepção da importância da escola e das dificuldades para se conformar com suas exigências, concorre para o desenvolvimento de uma relação ambivalente na escola e na escolarização. (THIN, 2010, p. 70)

Lembro-me de um caso que serve bem para exemplificar o poder que a escola possui sobre o que é ensinado. Por exemplo, o caso da disputa entre criacionistas e evolucionistas. A grande crítica dos criacionistas é que se um aluno colocasse em prova que o homem não descende do macaco, este ganharia zero na avaliação frente ao discurso científico e à crença de quem ensina. Apesar do exemplo não ser o mais adequado, é perfeitamente possível perceber sua aplicabilidade na visão de escola que temos em nossa sociedade.

A escola que deveria ser o local de troca de saberes, pode então ser vista como geradora de tensões que ficam sem alternativas. Embora em meus estudos não tenha visto uma relação entre estas tensões e as relações de dominação, como a evasão escolar, me pergunto até que ponto a própria escola não seria responsável por uma boa parte do abandono? Apesar de reconhecer o discurso dominante na qual estou inserida, acredito em uma escola onde os educadores estão comprometidos com a qualidade do ensino e principalmente no acolhimento de seus alunos. A aproximação com a família propicia um ambiente no qual as crianças sentem uma continuidade de seu primeiro aprendizado familiar com o novo, o da escola.

A criança, através da família, tem sua primeira socialização. Ao ingressar na escola este processo tem continuidade iniciando uma segunda socialização (SILVEIRA e WAGNER, 2009). A criança sai de um contexto familiar para ingressar num novo mundo. Suas diferenças sociais e culturais, na maioria das vezes, não são levadas em conta, podendo inclusive entrar em choque com sua educação escolar. Paulo Freire (1987) nos mostra que devemos valorizar a cultura do aluno. Para ele,

a distinção das diferentes formas de cultura, não deve ser motivo de subordinação de uma sobre a outra. Tudo que é produzido pelo homem é cultura e deve ser respeitado e levado em conta no aprendizado. Apesar dos avanços, as teorias de Freire e os conhecimentos dos alunos, são inteiramente ignorados. Os próprios pais ao não questionarem o método de ensino empregado pela escola e ao transferirem a responsabilidade da educação à instituição de ensino, contribuem cada vez mais com esse processo. Há, portanto, uma grande separação entre a família e a escola.

Silveira e Wagner (2009, p. 284) destacam como positiva a aproximação entre família e escola:

De uma forma positiva a existência de tais canais de comunicação e de participação entre a vida familiar e escolar pode também favorecer o desenvolvimento infantil e da relação família-escola. Estudos recentes tem reiterado a importância da comunicação e da participação entre os sistemas como uma importante fonte de retroalimentação (ou feedback) permanente promovendo a transição da criança entre um sistema e outro e assim seu crescimento

Tendo em vista estas considerações, este trabalho trata da influência da família na escola e vice-versa, da importância dessas relações e como elas se dão. Na exposição do fato gerador, onde a presença de uma mãe na sala de aula contribuiu positivamente para aceitação de seu filho pelos demais colegas, surge outro conceito a ser trabalhado: o *bullying*. Para responder o que é *bullying* os autores Cleo Fante e Jose Augusto Pedra (2008, p.33) nos explicam:

Bullying é uma palavra de origem inglesa adotada em muitos países para definir “o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão”(Tatum e Herbert, 1990. É um termo utilizado na literatura psicológica anglo-saxônica, nos estudos sobre o problema da violência escolar, para designar comportamentos agressivos e anti-sociais. O bullying “compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima”(Lopes Neto e Saavedra, 2003).

Nas conversas que tive sobre o novo olhar a respeito este velho problema, percebi que nem sempre é possível separar brincadeiras inocentes, como a adoção de apelidos, de ataques sistemáticos com o intuito de vitimar os colegas. Já vinha

acompanhando o comportamento dos alunos de minha sala e da escola, onde se tornava freqüente o desrespeito entre os estudantes. Nem sempre é possível corrigir tais atitudes, embora o fizesse sempre que oportuno. Durante meu estágio, cheguei a planejar e colocar em prática, uma campanha *anti-bullying* com meus alunos e divulgá-la em nossa escola (anexo 4). Ao ler o livro de Fante e Pedra (2008, p.100) percebi o quanto a escola e a família são responsáveis por algumas causas e soluções para o problema do *bullying*. Entre as causas de origem familiar e social podemos destacar:

Inúmeros estudos estão sendo desenvolvidos na tentativa de compreender esse fenômeno, sob os mais diversos aspectos, como familiar; social, cultural, afetivo e emocional. As inúmeras correntes filosóficas, psicológicas e pedagógicas tentam explicá-lo, e a maioria aponta para os seguintes aspectos: carência afetiva, ausência de limites, afirmação dos pais sobre os filhos através de maus-tratos e explosões emocionais violentas, excessiva permissividade, exposição prolongada às inúmeras cenas de violência exibidas pela mídia e pelos games, facilidade de acesso às ferramentas oferecidas pelos modernos meios de comunicação e informação. (FANTE e PEDRA, p. 100)

E por sua vez, temos a “contribuição” dos educadores. Porém, é importante destacar uma discussão: quem seria responsável pela educação, pais ou professores? Portanto o termo, educadores, pode ser estendido a ambos, sem isenção de culpas:

Muitos autores apontam que a ação educativa muito branda, permissiva, está no âmago dos problemas dos jovens, o que resulta na falta de respeito às regras e no aumento do nível de transgressão. A educação permissiva colabora para que os jovens não apreendam a noção de limites em suas ações, que vivam de maneira irresponsável, que sintam dificuldade em conter seus impulsos, negociar os conflitos, responsabilizar-se pelas próprias ações, refletir sobre as conseqüências de seus próprios atos, respeitar o outro e saber se colocar no lugar dele. A ausência de modelos positivos também é outra questão a ser considerada. Muitos educadores ou cuidadores apresentam dificuldade em manter relações construtivas, de resolver seus conflitos com paciência e bom-humor, respeitando o ambiente e as pessoas envolvidas. Alguns oferecem modelos educativos inadequados, principalmente aqueles em que imperam a violência, o autoritarismo, os maus exemplos, a excessiva proteção, a permissividade, além de omissão, negligência e abandono. (FANTE e PEDRA, p. 102)

A solução não é fácil, os autores destacam a importância da prevenção e da conscientização, mas uma vez instalada a violência é preciso o empenho de todos. A relação família-escola é somente um desses componentes. A sociedade e todas as suas representações se fazem necessárias para minimizar os seus efeitos.

3. Desenvolvimento da experiência

A proposta durante todo o planejamento era fazer com que cada aluno trouxesse a sua contribuição para as atividades propostas. Algumas dessas atividades diziam respeito ao grupo todo. O conhecimento, portanto, seria compartilhado. Tal conceito extraído do construtivismo propõe que a prática educativa possa ser promotora de momentos que levem o aluno a ser o agente da sua própria aprendizagem. Nas atividades propostas para a primeira semana, o conhecimento gerado dizia respeito a cada um, mas nem por isso, deixaria de ser compartilhado. O diferencial é que esta construção só poderia acontecer com a participação do próprio aluno, pois era ele o objeto de estudo. As informações fornecidas pela sua simples presença seriam complementadas com as informações solicitadas aos pais. Os alunos escreveram livro autobiográfico, com a ajuda dos pais, contando detalhes desde o seu nascimento. O livro nada mais foi do que o gerador das curiosidades e descobertas que seriam desencadeadas e respondidas por eles mesmos.

As atividades desenvolvidas durante meu estágio seguiram conforme havia sido planejado em minha arquitetura pedagógica. Houve pouquíssimos desvios, mas todos eles para acrescentar novos enfoques que não haviam sido originalmente planejados. A proposta pedagógica era trabalhar com a questão da identidade, objetivando que, para além de se conhecerem passassem a ter uma maior autoestima e com isso melhorarem as suas relações interpessoais e desenvolverem sua autonomia.

Embora o trabalho tenha sido realizado e planejado como um conjunto, nós podemos relatar como decorreram durante as semanas. Lembrando, é claro, que tais atividades que podem parecer isoladas fazem parte de um todo contextualizado.

Na preparação para o estágio foi entregue aos pais uma ficha de entrevista onde podemos ter uma visão geral de como eram suas famílias. Na primeira semana, quando durante a hora do conto, trabalhamos com o livro “Como é que eu era quando eu era bebê?” começaram a surgir as primeiras curiosidades de como eles eram quando bebês. Os relatos, em geral, destacavam com quem eram parecidos na sua primeira infância. Partimos do momento presente verificando como eles estavam (em termos de peso, altura, aparência), para então coletarmos dados de como foram. E ao final do ano comparar com os dados coletados no início. Foram tiradas fotos para registrar esse momento. Para conhecer como eles eram foram feitas duas pesquisas com os pais onde eles puderam saber sobre o seu nascimento. Puderam assim resgatar dados como: quem escolhera seu nome, o porquê do nome, lembrança do seu dia de nascimento, como estava o tempo neste dia, qual era seu peso, tamanho, quando havia nascido seu primeiro dentinho, primeiras palavras, etc. Durante essa semana também trabalhamos com suas certidões de nascimento levantando dados que muitos desconheciam como local de nascimento e nome dos avôs e avós. Demos início à construção do livro autobiográfico, onde seria registrada a história de vida de cada um.

Já na segunda semana, na hora do conto trabalhamos com o *audiobook* “Catando Piolhos, Contando Histórias”, de Daniel Munduruku, por meio do qual despertaram suas curiosidades sobre como seria a vida de uma criança na aldeia indígena. Fiquei orgulhosa com a participação e interesse de meus alunos. Conteí-lhes a história de que em algumas tribos indígenas o nome das crianças é dado pelo pai a partir do animal que ele caçou, dando assim ao filho o nome e as qualidades deste animal. Fizemos uma atividade para saber com qual animal se identificavam, destacando suas características positivas. Retomamos mais tarde o tema familiar que trabalhava a questão do nome, quem escolheu e por quê. Por fim, investigamos a origem e o significado de seus nomes. Fechamos a semana com o Dia da Família, no qual aproximamos a comunidade escolar: família, alunos, escola. Essa atividade realizada em várias escolas do país, fazendo parte do calendário de muitas, desde que estou nesta escola, nunca havia sido realizado. Aproveitando a minha arquitetura pedagógica utilizei essa idéia com minhas duas turmas e convidei as colegas das outras turmas para realizarmos essa confraternização. Fechamos assim um círculo, unindo a família, as crianças, as educadoras e funcionárias da escola.

No decorrer da terceira semana retomamos o tema sobre a família. Trocamos ideias de como os pais reagiram com essa aproximação e o que eles enquanto alunos pensavam sobre essas atividades. O *feedback* é necessário para avaliarmos a eficiência ou não da proposta, permitindo-nos a correção dos rumos a serem trilhados ao retomarmos a continuidade do planejamento. O retorno me fez perceber que o caminho escolhido ofereceria um bom resultado. Trabalhamos, então, com as profissões dos seus pais e elaboramos uma ficha de entrevista, na qual deveriam fazer as perguntas aos profissionais que trabalham na escola, cada um pode assim, em grupos, fazer perguntas ao funcionário que quisesse. Houve assim uma aproximação: alunos e profissionais envolvidos com a atividade escolar, realizando uma interação entre aluno e escola. Passando ambos a conhecerem-se um pouco mais. Resgatou-se a valorização das diferentes atividades exercidas, bem como uma aproximação interpessoal de indivíduos que não se “conheciam” apesar de dividirem o mesmo espaço. Pude perceber que foi gratificante para alunos e funcionários. A valorização da identidade dos alunos também passa pelo conhecimento e valorização do outro. A autoestima pode ser contagiosa, os bons exemplos, ao contrário dos maus, devem ser reproduzidos.

Na quarta semana, que terminaria com o Dia das Mães, trabalhamos com o aleitamento materno e com os demais animais mamíferos. Falamos sobre a importância do leite materno para o desenvolvimento dos bebês. Conhecemos um pouco mais sobre as características dos mamíferos. Os alunos produziram uma redação individual sobre um animal mamífero. A escolha da maioria dos alunos recaiu sobre animais que tem maior convívio, como cães e gatos. Também apareceram animais que viam em filmes na TV. Confeccionamos um lindo móbil em forma de coração e com miçangas para os presentes do Dia das Mães. Ainda aprendemos uma receita de docinho com leite em pó. Essa semana foi muito proveitosa.

Na quinta semana realizamos algumas atividades que ficaram pendentes da semana anterior, trabalhamos com a interpretação da imagem de uma mãe alimentando seu filho. Preenchemos mais uma página da nossa autobiografia, intitulada “Álbum do bebê”. O livro autoral já dava seus primeiros passos, as informações coletadas e registradas, incentivavam a sua continuidade. Ainda nessa semana contemplamos o “Dia da Abolição da Escravatura”, para desenvolver esse conteúdo contamos com a ajuda do gibi da Turma da Mônica, intitulado “Coleção

Você Sabia?” e vídeos do TV Escola, sobre o assunto. Com intuito de trabalhar a psicomotricidade, lateralidade, percepção espacial, atenção e ritmo, utilizamos a brincadeira “Escravos de Jó”. Como referencial para tratar dessa questão utilizei a orientação pedagógica encontrada no livro didático *Marcha Criança*:

Uma criança cuja lateralidade não está bem definida encontra problemas de ordem espacial, não percebe diferença entre seu lado dominante e o outro lado, não distingue a diferença entre esquerda e a direita, é incapaz de seguir a direção gráfica...

Diante de problemas de percepção espacial uma criança não é capaz de distinguir “b” de um “d”, um “p” de um “q”, “21” e “12”, caso não perceba a diferença entre a esquerda e a direita. Se ao distinguir bem o alto e o baixo, confunde o “b” e o “p” o “n” e o “u”, o “ou” e o “on”.

Durante a sexta semana tendo em vista o final do trimestre, realizamos algumas avaliações de Ciências, Português e Matemática. Realizamos uma produção textual coletiva sobre a alimentação dos mamíferos recém-nascidos. A produção textual coletiva, exemplo que retirei de uma de nossas atividades do Seminário Integrador, serviu de ensaio para suas produções individuais. O conhecimento de um somado ao conhecimento de outro construiu uma solução conjunta para dar forma ao texto. A participação da professora limitou-se a coletar as informações fornecidas pelos alunos e dar sugestões sobre a melhor forma de organizar as idéias. A forma, o conteúdo e o resultado final couberam à autoria dos alunos. O mesmo texto foi retomado para que pudessem realizar atividades sobre ele, envolvendo entre outras coisas: gramática, ortografia, caligrafia. Nesta mesma semana trabalhamos com o autorretrato dos pintores: Vincent Van Gogh, Tarsila do Amaral, Henri Rousseau e Gauguin. Posteriormente os alunos tiveram que realizar os seus próprios autorretratos. Esta atividade procurou abordar qual a autoimagem que cada um faz de si e de como se viam e gostariam que fossem vistos por seus colegas. Puderam assim, trabalhar a desinibição das suas criações artísticas ao mesmo tempo em que trabalhavam a sua imagem, perdendo a vergonha de seus traços e de seus corpos. Durante todas as semanas do estágio não deixaram de ser trabalhados os conteúdos curriculares do ano escolar. Nessa semana trabalhamos o sistema numeral decimal, com o apoio do Material Dourado, criado pela educadora italiana Maria Montessori.

Durante a sétima semana realizamos algumas avaliações e atividades onde revisamos conteúdos. Procurei trabalhar durante essa semana atividades que

envolveram psicomotricidade, pois há algum tempo venho sentido muita necessidade de dar uma maior ênfase nisso, já que meus alunos têm muita dificuldade em escrever a letra cursiva, alguns na organização do caderno, organização espacial, até mesmo em diferenciar algumas letras. Para tratar dessas dificuldades recorri ao livro didático da coleção Marcha Criança, que me permitiu um melhor entendimento de como funciona as questões psicomotoras e de organização espacial e alguns recursos para trabalhar em sala de aula, como já havia citado. Entre outros autores, trabalhados neste livro, destaco Audir Bastos Filho e Claudia Maria Ferreira de Sá (2001, p.36) que destacam que:

A psicomotricidade como ciência da educação procura educar o movimento ao mesmo tempo em que desenvolve as funções da inteligência considerando todos os aspectos emocionais. Assim sem o suporte motor o pensamento não poderá ter acesso aos símbolos e a abstração, o que se faz essencial às diferentes aprendizagens na escola, principalmente a da leitura e da escrita (...)

Dando continuidade ao tema da identidade realizamos a confecção de carteiras de identificação escolares, onde continham as principais informações dos alunos. Informações estas que todas as crianças deveriam levar consigo para um caso de emergência, pois permite saber a quem e onde procurar, para que pudessem receber assistência. Tais informações normalmente estão restritas a direção da escola, demandando tempo, podendo estar desatualizadas, além de dificultar mais ainda no caso de ser preciso durante o deslocamento da criança.

No último dia desta semana não foi possível seguir o planejamento, pois a mãe que iria ensinar os alunos a prepararem os doguinhos não pode comparecer, mas o fato mais marcante deste dia foi a briga que ocorreu no recreio, porque um aluno chamou a colega de gorda. Acontecimentos que já haviam ocorrido anteriormente, sendo que um dos envolvidos já tinha tido a sua atenção chamada por estar sempre debochando dos seus colegas. Por isso, resolvi conversar com eles para tentar resolver essas desconfortáveis situações. Nesse dia pedi que cada um escrevesse em um pequeno pedaço de papel as palavras que já escutaram de outras pessoas e não gostaram (apelidos, deboches, etc.), na sequência receberam outro papel onde deveriam escrever os elogios ou palavras agradáveis que já foram chamados. Demos assim início a um trabalho sobre o *bullying*, que lhes permitiu não

só resolverem questões de relacionamento dentro da turma, mas o compartilhamento deste conhecimento com as demais pessoas de sua convivência.

Nossa oitava semana foi curta, apenas três dias, mas muito proveitosa. Iniciamos com a leitura do livro “Ninguém é Igual a Ninguém”, onde todos nós trabalhamos o que nos diferencia dos demais. As qualidades, os defeitos, as características físicas e de personalidade de cada um. Foi confeccionado um cartaz onde registraram aquelas palavras que não gostavam de ser chamados e as que gostavam. Ao retomarmos a confecção do livro autobiográfico, os alunos deveriam registrar o que gostavam e o que não gostavam neles mesmos. Conhecendo-se um pouco mais e aprendendo a trabalhar suas principais características. O livro “Ninguém é Igual a Ninguém”, serviu também para trabalharmos a questão do *bullying*, pois é justamente nas diferenças que se iniciam as hostilidades. A parte mais gostosa dessa semana foi a atividade em que a mãe de um aluno ensinou a turma a fazer doguinhos. Literalmente eles colocaram a mão na massa. Autores como Maria Montessori e Jean Piaget, ressaltam a importância de atividades lúdicas para a aprendizagem. O autor João Serapião de Aguiar (2009, p. 27) nos fala o seguinte em seu livro ao comentar Piaget:

...a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável a prática educativa. Pelo fato de o jogo ser um meio tão poderoso para a aprendizagem das crianças, em todo lugar onde se consegue transformar em jogo a iniciação a leitura, ao cálculo ou à ortografia, observa-se que as crianças se apaixonam por suas ocupações, geralmente tidas como maçantes. Os jogos não são apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar energia das crianças, mas um meio que contribui para o desenvolvimento intelectual da criança, enriquecendo-o.

Na nona semana, aproveitando o aniversário da escola trabalhamos com assuntos relacionados a mesma. Fizemos um auto ditado com tudo que está relacionada à escola. Dessas palavras gostaria de destacar o surgimento da palavra *bullying*, que já havíamos trabalhado anteriormente. Trabalhamos entre outras coisas com a “Grande família Jango”, onde podemos identificar quais os familiares dos alunos que já freqüentaram a escola. Confeccionamos um gráfico para melhor visualização dessa proporção. Foi distribuído um pequeno mapa para cada aluno, onde puderam identificar o trajeto que fazem diariamente da sua casa até a escola e vice-versa. Posteriormente, pudemos compartilhar essas informações em um grande mapa exposto na sala de aula. Sugeriram ainda, além da localização de suas casas

outros pontos de referencia das cercanias. Contribuíram, assim com informações além das solicitadas geradas por suas curiosidades. O fechamento com chave de ouro desta semana deu-se com a confecção de suas carteiras de identidade. Ao tentar conseguir agendar um grupo de alunos para confecção da carteira de identidade, encontrei vários obstáculos, que me fizeram percorrer uma *via crucis*, entre o SINE de Alvorada, o “Tudo Fácil” e o Departamento de Identificação de Porto Alegre. Somente após entrar em contato com a Ouvidoria do Estado do RS foi que consegui, por intermédio do gabinete da governadora agendar junto ao Departamento de Identificação. Os registros gerais que agora muitos passariam a ter é um documento simbólico da “identidade” que passaram a valorizar. Gostaria de lembrar as postagens que fiz em meu *blogger* no dia dezessete de junho de dois mil e dez, da qual destaco a seguinte frase: “Eles estão estudando sobre suas identidades, suas origens, suas peculiaridades, suas qualidades e aprendendo a ter orgulho de quem são. Não um orgulho egoísta e vaidoso, mas um orgulho construtivo e valorizante.”

Na décima semana, aproveitando o evento da Copa do Mundo, realizamos algumas atividades relacionadas a ela. A primeira foi a criação de camisetas da seleção brasileira, onde cada um pode desenvolver a sua criatividade e submetê-la a apreciação e escolha dos demais colegas. O vencedor foi um aluno que no início do ano causou-me preocupações com as dificuldades que apresentava (fiquei com medo que evadisse, pois não gostava de freqüentar a escola, vivia matando aula, era totalmente desinteressado, brigava com os colegas, respondia para os adultos). Após muita paciência, conversa e respeito, nós conseguimos reverter esse quadro, o mesmo passou a conviver melhor com os todos e se integrou a turma. Na sequência trabalhamos com o continente africano, continente este que recebeu a Copa. Os alunos trouxeram para sala de aula seus conhecimentos prévios sobre esse local e suas curiosidades. Por fim, foi apresentado um *Power point* com imagens sobre a África. Trabalhamos com o livro “A Semente que Veio da África”, e a lenda do “Baobá”.

Na última semana de estágio, dando continuidade ao assunto Copa do Mundo trabalhamos com os países participantes da Copa e sua localização no mapa *mundi*, novamente no pequeno mapa e num ampliado, como no exemplo de seus endereços. O “Baobá”, árvore símbolo da África, serviu de base para confecção de suas árvores genealógicas. Para fechar o período de estágio, que nada mais era do

que uma etapa deste ano letivo, os alunos confeccionaram adesivos de combate ao *bullying*. No “último” dia de aula foi realizada a “Mostra de Produções Textuais e Artísticas do Jango”, onde puderam expor entre outras coisas: seus trabalhos sobre a Copa do Mundo, suas camisas da seleção brasileira, mapas e desenhos. Suas descobertas sobre o combate ao *bullying* com distribuição de adesivos e puderam mostrar e falar sobre o assunto. E a grande conclusão dessa etapa, porém ainda inacabada, de seus livros autobiográficos. Todos os seus registros e descobertas reunidos em um lindo livro encadernado com suas fotos. Suas identidades estavam ali representadas e podiam agora compartilhar com orgulho.

|

Considerações finais

Depois de retomadas as leituras foi possível encontrar algumas alternativas de resposta à pergunta: Se a aproximação família e escola é dita como benéfica, por que ou quais aspectos impedem que esta se realize?

Penso que não há uma única resposta a este questionamento, também não creio que a que estou apresentando seja a única. A grosso modo, diria que o que existe é uma série de desencontros. A escola deseja a aproximação, embora haja conflitos entre sua forma de ver a sua cultura e a escolar. Os pais desejam aproximar-se, mas encontram pouco espaço. De maneira geral, delegam a responsabilidade do ensino à escola. Muitos pais “falham” na primeira socialização de seus filhos, esses aspectos são sentidos no ingresso dessas crianças nos quadros escolares. Pais e responsáveis lamentam que seus filhos tenham que conviver com crianças “desajustadas”. A escola que deveria “reeducar”, ou socializar, estas crianças também “falha” na maioria das vezes. A escola coloca a culpa nos pais que não impõem limites e os pais cobram a ineficiência da escola que deveria ser a responsável pela educação. A escola reclama a falta de recursos humanos e financeiros. Os pais reclamam da qualidade do ensino. Quando nós, os professores, fazemos greves, por exemplo, preocupando-nos com a qualidade de ensino, por também levarmos reivindicações que ficam restritas a um problema imediato, (o aumento salarial), somos criticados pelas famílias que, além de não nos apoiar, ainda lamentam que não tem onde deixar os seus filhos. Novamente a escola é vista apenas como um fiel depositário da guarda das crianças. A educação é colocada em segundo lugar. Na guerra de interesses ninguém sai ganhando. É claro que estou, até certo ponto, generalizando. Estou sendo pouco justa com pais e educadores. Porém, apesar dos avanços e das conquistas da educação brasileira, ainda estamos longe de uma educação ideal. Pais e educadores são eficientes em

suas queixas quanto à desvalorização do ensino, porém não conseguem uma união para pressionar os governantes e tornar o ensino uma prioridade de governo.

Ao analisar o discurso de Fante e Pedra (2008, p.25) onde revelam que uma das causas do *bullying* é de responsabilidade dos educadores por realizarem uma educação permissiva e não imporem limites aos seus alunos. Vemos que o mesmo jargão atribuído aos pais agora é imputado aos professores: “os professores não impõem limites aos seus alunos”. Paulo Freire (2000, p. 36), tratando da licenciosidade, diz:

Quão equivocados se acham pais e mães ou quão despreparados se encontram pra o exercício de sua paternidade e de sua maternidade quando, em nome do respeito à liberdade de seus filhos ou filhas, os deixam entregues a si mesmos, a seus caprichos, a seus desejos. Quão equivocados pais e mães se encontram quando, sentindo-se culpados porque foram, pensam, quase malvados ao dizer um não necessário ao filho, imediatamente o cobrem de mimos que são a expressão de seus arrependimentos do que não podiam arrepender-se de ter feito.

Freire analisa os motivos pelos quais os pais podem vir a não impor limites aos seus filhos. Fante e Pedra (2008, p.31) vêem as mesmas causas nos educadores. Se ambos se isentam, infelizmente as barreiras podem vir a ser impostas pela autoridade policial. O *bullying*, o ingresso no mundo das drogas e outras condutas sociais indesejáveis, às vezes, podem ser evitadas com um simples “não”. Segundo Marcelo Spalding Verdi (2006), a generalização ao se dizer que os pais perderam o controle sobre os seus filhos não é tão infundada assim e a escola por sua vez ainda estaria se adequando ao seu novo papel social.

Uma outra modalidade de discussão, no entanto, parece ainda predominar no meio educacional. Tomando os mesmos problemas como sinal de que algo não vai bem, muitos professores sustentam seus pontos de vista e suas condutas em reflexões que não vão muito além da constatação de que houve uma desestruturação da família e uma reordenação de valores. Obtém, assim, formato de discurso social um lamento nostálgico pelo fato de o mundo ter se tornado pior, com crianças menos disciplinadas e menos respeitadas, resultado da negligência dos pais. Obviamente que nem o vício da generalização torna tais constatações equivocadas, uma vez que os sinais do declínio da função paterna na sociedade contemporânea não são ilusórios; o que se questiona é onde se pode chegar concebendo como causa o que não passa de um aspecto do fenômeno. (p.104)

Para o autor, os pais esperam que a escola dê resultados positivos, que levem seus filhos a alcançarem o sucesso profissional para vencerem na sociedade. Por sua vez, abdicaram do papel de educadores e passaram a responsabilidade total à escola. A escola deseja esta nova tarefa e tenta se adaptar a essa nova realidade. A educação passa a ser responsabilidade inteiramente da escola, os pais procuram dar o máximo de liberdade aos educadores e suas cobranças são quase inteiramente por resultados práticos como a segurança de seus filhos, a alfabetização ou o ingresso no vestibular.

Na sociedade contemporânea é uma tendência que os pais não se preocupam com o que e como está sendo ensinado, desde que seus objetivos finais sejam alcançados. É aí que começa a separação entre família e escola. A escola não deseja a interferência dos familiares no que diz respeito ao saber. A família acredita que a escola está mais bem preparada para dar a educação necessária aos seus filhos. A escola contemporânea precisa preocupar-se com uma formação integral de seus alunos. As noções de moral, de ética e até mesmo de religiosidade que eram funções típicas da família, passam a ser responsabilidade da escola. A aproximação entre o mundo familiar e escolar, passa a se dar apenas por intermédio dos alunos ou através de cobranças de ambos os lados. As reuniões de pais são o momento de prestação de contas e cobranças. A aproximação é benéfica e desejável, mas na prática não ocorre. Motivos para os desencontros não faltam: falta de tempo, falta de interesse, política de não interferência, negligência, prepotência, divisões de interesses e competências. Os raros projetos decididos juntos tendem a não ter continuidade em sua execução.

No período de meu estágio só consegui realizar uma única reunião conjunta com os pais. Sou favorável à aproximação, tenho consciência de seus benefícios e não encontrei ninguém que tenha sido contra, mas porque não se efetiva? Talvez meu caso sirva de exemplo para explicar esta dificuldade, quem sabe compreendendo minhas dificuldades seja possível superá-las e encontrar novas saídas. Havia programado uma aula onde pais e alunos participariam, terminado com uma confraternização e uma feijoada. Primeiro ponto: o dia em que seria feito. Muitos familiares trabalham e não poderiam ir durante a semana, apesar de muitos demonstrarem interesse não podiam ir devido ao dia. Mesmo no sábado alguns alegaram que não poderiam ir. A escola não abre todos os sábados, mas consegui programar para um deles. Na véspera choveu muito na região metropolitana de

Porto Alegre e a previsão para a cidade de Alvorada era de tempo instável para o sábado. Não desmarcamos o encontro, mas o mesmo não ocorreu por falta de pessoas, apareceram apenas três alunos. Marcamos para uma nova data em que a escola estaria aberta, ou seja, um mês depois. Novamente, o tempo ruim, impediu nossos planos. Por fim, o semestre terminou e não foi possível realizar este encontro. Apesar de todo o esforço e empenho, o planejamento não pode ser realizado. O mau tempo pode ter contribuído, mas a falta de interesse creio que tenha sido maior. Consegui programar um passeio de confraternização para Gramado onde todos interessados poderiam ir. Realizamos atividades para arrecadação de dinheiro para os que não pudessem pagar. Embora não pudéssemos efetuar pagamento para todos, os que tivessem interesse poderiam, com um pouco de vontade e esforço, conseguir o seu lugar no ônibus. Apesar de conseguirmos lotar dois ônibus, muitos não quiseram realizar o passeio. Planejar, organizar e coordenar atividades envolvendo os pais não é uma tarefa fácil, ainda mais quando a proposta se centra em apenas uma pessoa. Minha escola não é contrária a esta aproximação, mas não é o seu foco. Não existe um planejamento conjunto, uma orientação, uma mobilização neste sentido. Segue o modo de organização e orientação pedagógica como todas as outras escolas do Estado. Os pais que não participaram das atividades propostas e sequer demonstraram interesse, não estariam interessados na educação de seus filhos? Creio que não, não esperam que tais atividades venham a contribuir na formação de seus filhos. A sociedade não espera isto deles, não é mais seu papel.

Em nossa escola marcamos reuniões com os pais para conversarmos sobre como estão os alunos e quais as dificuldades ou melhoras que eles apresentam. Também temos a tradicional Festa de Natal onde as crianças se apresentam para seus pais. Mas estas não são as propostas que almejo para minha escola.

As mudanças ocorreriam já a partir da primeira reunião do ano letivo, onde comumente, os pais são convocados a opinar sobre um calendário anual letivo já elaborado, em que eles apenas terão que dar a sua aprovação, sem sequer saberem plenamente sobre o assunto ou poderem opinar. Tal proposta deveria ser analisada em conjunto, por uma comissão de pais, alunos, funcionários e professores, que tenham participado da elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola ou que ao menos tenham conhecimento deste, através de reuniões onde deveriam participar todos os seguimentos da comunidade escolar.

Outra proposta, que sei que já foi aplicada em algumas escolas, pelas quais tenho muita simpatia é a participação de familiares, que contribuiriam com a sua cultura, transmitindo-a aos alunos. Um pai que tivesse conhecimento na confecção de pipas pudesse compartilhar a sua arte com a comunidade escolar, estas e outras formas da cultura popular, principalmente de brincadeiras saudáveis que estão se perdendo com o tempo: bonecas de pano, Cinco-Marias, carrinho-de-lata, receitas culinárias, histórias que nossos avôs contavam, tricô, etc. Aqui não estou falando da substituição do professor por um trabalho voluntário, mas um somatório de forças que contribuiriam com a educação das crianças.

Apesar de manter contato com alguns dos responsáveis pelos meus alunos, gostaria de melhorar essa relação e aproximar-me um pouco mais deles para juntos pensarmos qual a melhor maneira de educarmos nossas crianças. Com a troca de conhecimentos teríamos todos a ganhar. Infelizmente nem todos os familiares procuram a escola e nem sequer sabem como se encontram seus filhos, nem mesmo quando envio vários recados solicitando que compareçam à escola. Vejo alguns alunos que vão de “mal a pior”, apesar de todos os meus esforços, e nem sequer consigo solicitar o auxílio da família, pois não demonstram interesse. Creio que trazer os pais novamente a interessarem-se pela educação que esta sendo dada aos seus filhos seja um problema social, não deve ser tratado como uma tentativa isolada de um ou outro educador. Concordo que a escola seja uma das instituições responsáveis pela educação das crianças, mas os pais devem ser chamados a participar dessa educação. Devem ser co-autores na formação da juventude. Não devem transformar as suas casas em um mundo isolado do aprendizado escolar, onde as normas sejam ditadas pelas crianças e jovens, uma sociedade invertida, sem regras, sem combinações, sem respeito, sem ética, sem moral, sem “nãos”. Não há como manter dois mundos paralelos. As transformações pelas quais passam a família e, por consequência, toda nossa sociedade, afetam, e muito, a forma como educamos nossos jovens. Creio não ser um problema a ser resolvido somente pelos educadores. Não é a toa que grande parte dos estudos que dispus são da área da psicologia e sociologia. A escola, apesar de querer manter o domínio da educação está inserida em uma sociedade e deve agir em prol dela. Se as crianças não têm mais limites, cabe a todos nós acharmos a solução. Acredito que aproximar os familiares da escola seja a grande saída para o problema.

5. REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **Sobre o conceito de formação – Diferenças entre o que aprendemos e o que nos afeta como seres humanos.** Revista Educação (on line). Ed. 137, 04/9/2008. Disponível em <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12511>>, acesso em 07/11/2010

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. **Qualidade e Cidadania nas reformas da educação brasileira: o simulacro de um discurso modernizador.** Maceió: EDUFAL, 2007.

CHARLOT, Bernard. **Relação com a escola e o saber nos bairros populares.** In: Perspectiva (Florianópolis). Florianópolis Vol. 20, Nesp (jul./dez. 2002), p. 17-34.

CHARLOT, Bernard. **A relação ao saber e à escola dos alunos dos bairros populares.** In: AZEVEDO, José C. ; GENTILI, Pablo; KRUG, Andréa; SIMON, Cátia. (Org.) *Utopia e democracia na educação cidadã.* Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS/ Secretaria Municipal de Educação, 2000.

CRUZ, Fatima Maria Leite, SANTOS; Maria de Fátima de Souza. **A relação família-escola: fronteiras e possibilidades.** In: Revista de Educação Pública, Cuiabá, v. 17, n.35, p. 443-454, set.-dez. 2008.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia.** 4 ed. trad. Lourenço Filho, São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955, p. 25 – 56.

FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 9a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREITAS, Luis Alberto Pinheiro. **Adolescência, família e drogas: a função paterna e a questão dos limites.** Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Editora MAUAD, 2002.

GONZATTO, Katisley Souza. **O papel da escola na formação de valores na criança: A parceria família-escola é fundamental.** Em: Revista Saberes & Fazeres Educativos. Getúlio Vargas, RS. Vol. 3, n. 1 (jun. 2004), p. 40-41.

PAIXÃO, Lea Pinheiro. **Expectativas de socialização na escola entre mães de camadas populares do Rio de Janeiro/Brasil,** In: VI Congresso Português de Sociologia. 25 a 28 de junho de 2008, Lisboa. Disponível em <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/279.pdf>, acesso em 07/11/2010

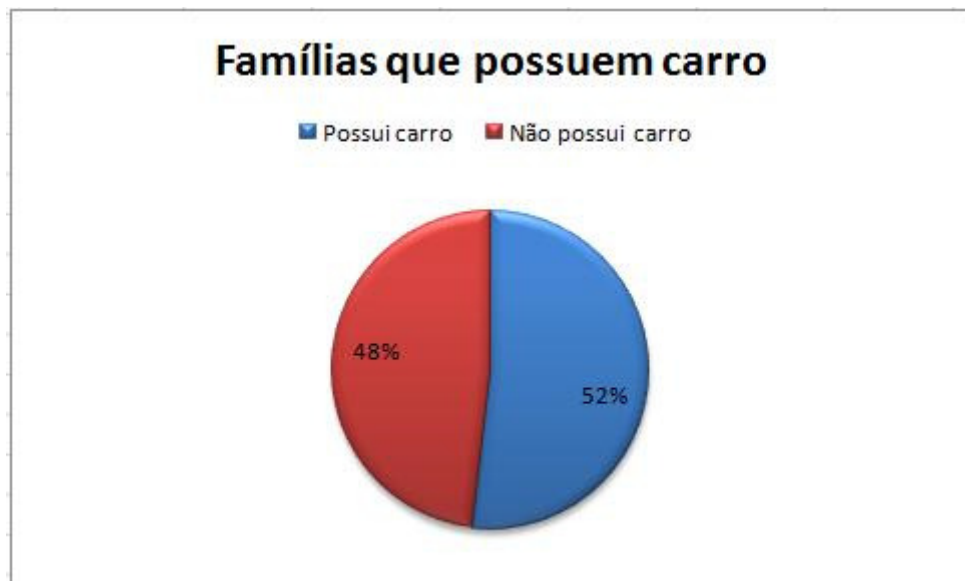
SILVEIRA, Luiza Maria de Oliveira Braga; WAGNER, Adriana. **Relação família-escola: práticas educativas utilizadas por pais e professores.** In: Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) v. 13, n. 2, p. 283-291, jul/dez 2009.

THIN, Daniel. **Famílias Populares e instituição escolar: entre autonomia e heteronomia.** In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 65-77, 2010.

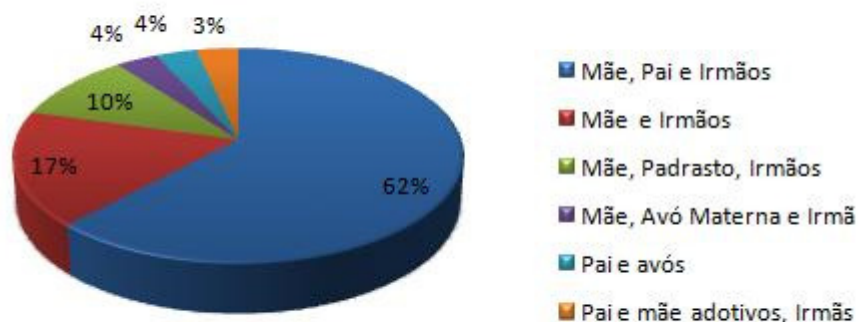
Filme: **Além dos muros da Escola.** Laurent Cantet. França, 2007.

Anexos

Anexos 1

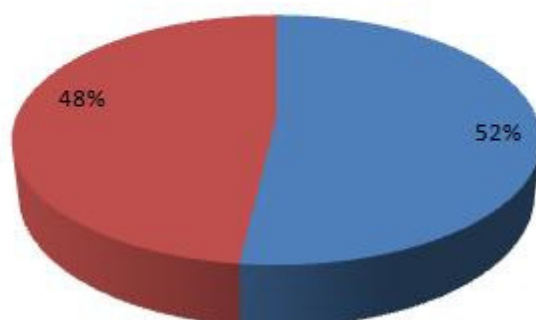


Estrutura Familiar



Alunos com computador em casa

■ Possui computador ■ Não possui computador



Anexo 2

Como você avalia este encontro?

excelente muito bom bom regular ruim

Você acha que deveriam acontecer outros encontros como este?

sim não

Você acha importante a família estar mais integrada com a escola?

sim não tanto faz

Qual o melhor dia e horário para acontecer estes encontros?

segunda terça quarta quinta sexta sábado

manhã tarde noite

Sugestões: _____
